

POSSIBILIDADES DA ARTE DO BATIK COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA LEITURA COM PAULO FREIRE

Neyta Oliveira Belato¹ e Dinarte Belato²

Resumo:

Este texto, que trata da técnica do batik, é um relato produzido pela autora em diálogo com a produção fotográfica do coautor. O mesmo tem dois objetivos distintos e complementares: um é socializar e divulgar a técnica do batik como uma possibilidade de arte e uso pedagógico, desde que situada num dado contexto; o outro é demonstrar como uma determinada proposta pode ser pensada de forma multidimensional – usando a escrita, o trabalho com batik e a fotografia – e executada em todo o seu processo, tendo como fundamentos categorias e conceitos de Paulo Freire. Pelo resultado obtido evidencia-se que é possível aliar teorias pedagógicas com o fazer artístico, pensando-os como ferramentas de trabalho a serviço do ensino e da aprendizagem.

Palavras-chave: Plátanos. Tema gerador. Batik.

Introdução

Este texto, que trata da técnica do batik, é um relato de experiência da autora, produzido com o apoio fotográfico³ do coautor. Trata-se de uma descrição teorizada que conta com dois objetivos distintos e complementares: um é socializar e divulgar a técnica do batik como uma possibilidade de arte e uso pedagógico, desde que situado num contexto; o outro é demonstrar como uma determinada proposta pode ser pensada de forma multidimensional – usando a escrita, o trabalho com batik e a fotografia – e executada em todo o seu processo, tendo como fundamentos categorias e conceitos de Paulo Freire. O produto deste trabalho foi desenvolvido numa oficina de batik, realizada no contexto das atividades de reflexão sobre a problemática das mulheres em relação às possibilidades de construir alternativas de

¹ Professora, mestre, aposentada, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Educadora popular. Membro do Café com Paulo Freire de Garopaba, SC. Contato: dinartebelato@uol.com.br

² Mestre, professor sênior da Unijuí, professor de História e assessor de Movimentos Sociais e Extensão Acadêmica. Contato: dinartebelato@uol.com.br

³ As múltiplas linguagens – escrita e fotográfica – fazem deste texto, ao mesmo tempo, singular e plural. Singular se levamos em consideração o relato de Neyta Belato, ou as fotografias de Dinarte Belato. Plural, quando juntamos estas duas linguagens, ou as experiências vivenciadas por ambos. Por isso, o texto ora emprega a 1ª pessoa do singular, ora a 1ª pessoa do plural.

trabalho. Para tanto, utilizou-se do registro fotográfico como ferramenta pedagógica para assinalar o contexto específico do Tema Gerador e outras imagens que refletem conceitos fundamentais de Freire, como contatos e diálogos, relações e interações, alegria e esperança, imaginação e criatividade, aprendizagem e comunicação. As fotos apresentadas são, portanto, resultados da pesquisa de campo realizada para a oficina ou retiradas do acervo pessoal dos autores. Elas expressam o olhar do autor, a sua sensibilidade de capturar momentos de criação, no caso em tela, a partir do batik. E assim, freirianamente, o estudo vai tecendo um diálogo entre as imagens fotografadas, por um, e a representação de pensamentos, de memórias, de experiências, através da escrita e do batik, por outra.

Pensando nisso, afirmamos que o eixo temático definido para este relato de experiência se fundamenta no pensamento de Paulo Freire, especialmente no que se refere a arte, a cultura e a educação interdisciplinar.

1 Contando histórias e fazendo cultura

As histórias são sempre tecidas por gentes, que ao dialogar, que ao interagir, vão fazendo cultura e produzindo conhecimentos. Portanto, neste primeiro momento o texto se propõe a contar a experiência a relação da autora com o batik. Uma história que é construída em parceria com o coautor.

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, disseminando, transcendendo, lança-se o homem [e a mulher] num domínio que lhe é exclusivo ou da História e/ou da cultura (FREIRE, 1983, p. 41).

No fim dos anos 1970, quando morei em Campinas, iniciei na arte do batik. Foi um aprendizado que alcancei vendo filmes, visitando exposições, conversando com pessoas que praticavam batik. Encantavam-me os resultados conseguidos com a técnica e a diversidade de produtos apresentados. Com isso, fui atrás de bibliografia sobre tintas, instrumentos e construção de equipamentos para começar minhas experiências.

Considero o batik, de forma muito elementar, como a arte de impressão em pano, papel ou madeira, usando um composto de cera de abelha e parafina e tintas especiais. Cobrem-se determinadas linhas, figuras e espaços com o composto de cera de abelha e parafina, seguindo desenhos projetados sobre o pano ou outro

suporte, dando-se, a seguir, banhos sucessivos de tinta com cores diversas, realizando, depois, o craquelamento do composto de cera e parafina para o último banho.

“A técnica do batik é muito antiga e já existia a cerca de dois mil anos atrás em terras da Ásia e da África”, descreveu Lemos (1978). É originária de Java e foi disseminada pelo Oriente, passando, posteriormente, por modificações decorrentes de contribuições de diversas culturas: indiana, japonesa, chinesa, africana. A cultura clássica javanesa, por exemplo, produziu uma arte delicada e elegante. Houve um tempo em que foi esquecida, porém a crise econômico-social, decorrente da Primeira Guerra Mundial, contribuiu para o retorno do batik tradicional. As condições do contexto mundial impediram a absorção de parte da mão de obra que demandava trabalho, deixando um vazio a ser preenchido por ocupações não institucionais. Foi, então, que se estabeleceram condições para o investimento em produções artesanais, das mais simples às mais complexas, como a técnica/arte do batik, que exigia o desejo, a criatividade e o zelo para chegar a bons resultados.

Em 2011 foi realizada, no Museu Antropológico Diretor Pestana, em Ijuí/RS, no contexto da exposição “Colcha de Retalhos: Mulheres e Trabalho”⁴, uma oficina para demonstrar, registrar e socializar conhecimentos sobre formas e processos de fazer batik. Essa oficina justificou-se pelos objetivos de dar visibilidade ao trabalho feminino, reconhecer a ampliação da participação da mulher no mundo do trabalho e debater o trabalho não formal das mulheres nas múltiplas dimensões, como contribuição para a construção da autonomia destas, e como fator de reforço da igualdade entre os gêneros. As aprendizagens iniciais da arte do batik foram realizadas numa oficina com ênfase nos processos criativos.

⁴Dentre a programação da exposição destaca-se, em 23/3/2011, a Oficina de batik realizada por Neyta Belato e Irene Lorenzoni.

Figura 1 – Oficina de batik no Museu Antropológico Diretor Pestana – Unijuí/RS



Fonte: MARTINS (2011).

O conteúdo das peças expostas e os documentos apresentados foram admirados por visitantes, proporcionando momentos de encontro, diálogo e compreensão sobre vivências das mulheres em tempos, lugares e situações culturais diversas: mães, trabalhadoras, artesãs, sacerdotisas, artistas, indígenas, negras. Destaco que a exposição tornou públicas peças que são guardadas no acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP-Unijuí) e peças que foram cedidas para o evento. Além de trabalhos mostrando diversas formas de fazer a tecelagem e de imprimir sua originalidade em tramas em palha, linhas, couro, contas, pedras. São peças reveladoras da multiplicidade de saberes das mulheres que foram traduzidas em diversas habilidades além do batik, por meio do seu fazer em crochê, tricô, macramê, bordados, fuxicos, costura, plissê, entre outras alternativas. Tramas que, combinadas, resultaram em cestarias, panos ornamentais, vestimentas e adornos diversos.

Os eventos acontecidos desde março de 2011 no Museu Antropológico Diretor Pestana, com foco nas mulheres, vêm constituindo-se como expressão cultural com temáticas e lógica que evidenciam o trabalho informal das mulheres, o que tem garantido a sobrevivência de muitas famílias em Ijuí (RS) e no país como um todo.

As exposições seguem uma lógica organizativa por temáticas que, além de permitir uma visão estética do produzido, tem possibilitado reflexões teóricas sobre o sentido e as condições do trabalho na vida das mulheres. Essas reflexões têm

acontecido na apresentação de pesquisas, palestras dialogadas, análises de filmes, trocas de experiências e oficinas. No ano de 2011 foram introduzidas na programação duas oficinas: plissê e batik como ferramentas de trabalho. A intenção foi criar oportunidades diferenciadas e criativas para a produção artesanal, buscando uma futura inserção no mercado a partir de uma perspectiva de desenvolvimento e auto-organização inspirada em Paulo Freire, que insiste na permanente possibilidade do impossível ser, um dia, possível.

A seguir apresento a oficina de batik com ênfase no processo de criação, fundamentando-me em conceitos freirianos e na possibilidade de construção de projetos, o que pode me levar à reflexão acerca do “Ser mais”.

“Ser mais”, segundo Freire (1983), explicita-se na busca de humanização das pessoas e da sociedade mediante desafios históricos e contextuais. Esta busca revela que a natureza humana é programada para “Ser mais”, mas não é determinada por estruturas ou princípios inatos. O educador fala também das possibilidades deste acontecer:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e estar nela, pelos atos de criação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é o fazedor (...). Faz cultura (FREIRE, 1983, p. 43).

Nessa dimensão é que Freire entende “A cultura como acrescentamento que o homem fez ao mundo que não fez. A cultura como resultado do seu trabalho” (FREIRE, 1969, p. 109). No caso específico do batik, entendo que é possível desenvolver esta técnica desde que haja sujeitos desejosos de saber e de fazer, como atestado por Irene Lorenzoni, durante a oficina de batik. Em seu depoimento ela afirmou:

Foi no ateliê Casa do Artesanato, na rua Bernardo Gressler, que iniciei minhas práticas de aprendizagem com o batik com a professora Neyta e, até hoje, após 30 anos, ainda [a] exerço. A partir de um ateliê particular, adquiri máquinas de costura e passei a produzir roupas pintadas à mão. As roupas foram vendidas em casa e durante edições da Expo-Ijuí⁵ (...). O empreendimento cresceu, mas não conseguindo atender todos os pedidos, inclusive da Argentina, fiz a opção pela educação e o ateliê foi desativado, apesar das vendas estarem crescendo. (...) Hoje continuo a ministrar cursos de batik, no Curso de Moda da Unijuí, Ijuí, RS (2011).

⁵A Expo-Ijuí e a Fenadi são considerados um dos maiores eventos do Estado do RS por sua expressão de feira cultural e de negócios.

Figura 2 – As duas modalidades de tingimento do batik



Fonte: MARTINS (2011).

As duas formas de tingimento do batik são a tradicional e a alternativa⁶ no contexto das oficinas. Acredito que esta técnica pode ser desenvolvida por qualquer cidadã que se dispõe a aprendê-la.

2 Os plátanos do campus da Unijuí

O campus da Unijuí tem uma via ladeada de plátanos que se bifurca na medida em que vai adentrando na direção dos diversos prédios que constituem a estrutura física do espaço universitário. Os caminhos, sombreados pelos plátanos, encantam com seu colorido em cada mudança de estação. O seu verde brilhante, que se transforma em cores várias, foi um dos motivos que me levou a escolhê-los como inspiração do tema gerador do batik na oficina. Este foi, portanto, o contexto que inspirou a temática da oficina. É importante sinalizar que, neste segundo momento do texto, entram em diálogo os relatos e fotografias, as palavras da autora e as imagens produzidas pelo coautor no decorrer da oficina.

⁶As peças estão guardadas no acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana da Unijuí.

Figura 3 – Os plátanos do Campus da Unijuí



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Inspirada em Freire, passo a compreender o contexto como uma situação concreta que envolve as dimensões física, social, política, econômica, cultural e histórica, dimensões estas que influenciam as experiências de vida. Elas são relativas aos sujeitos individuais e coletivos nas suas práticas cotidianas e no seu fazer histórico. Na análise dos contextos os sujeitos produzem conhecimentos e cultura para se libertar e humanizar a si e ao mundo (ZITKOSKI, 2010, p. 369-371).

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. [...] na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas” (FREIRE, 1983, p. 43).

3 Tema Gerador

Desde o início da proposta orientadora da oficina, que levou à aprendizagem da técnica/arte batik, o Tema Gerador suscitado foi “os plátanos”. Ao percorrer os caminhos observamos (artista que trabalha com batik e fotógrafo) as cores e formas, e assim os fotografamos em diversas estações do ano, acompanhando mudanças na sua materialidade. E assim tecemos mais um diálogo, entre os tantos de nossa trajetória. As pessoas impactavam-se com tamanha beleza. E nós também.

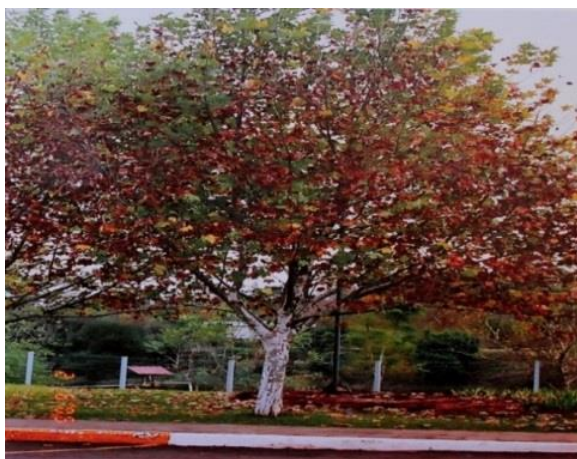
Houve o tempo em que as folhas brotaram, que o verde claro transluziu dominando a paisagem. Depois, veio o momento em que aquele verde se transmutou dando lugar ao amarelo; a cor de telha, em seguida, ganhou espaço nas

copas das árvores que soltavam folhas, pintando o gramado ao atingir o chão, constituindo-se em um verdadeiro tapete.

Descobrimos, então, que, além dos gramados, depois de caírem do topo das árvores, as folhas dos plátanos ficavam nas águas do lago e faziam figurações com os peixinhos que saltitavam em busca de alimentos. As crianças saltavam de alegria acompanhando o espetáculo. Próximo ao plátano-raiz (Figura 4) crianças e adultos, numa atitude de cumplicidade, catavam amoras que amadureciam e festejavam a possibilidade de, com elas, pintarem o rosto e as mãos como mascarados.

Diante disso, o texto vai explorando a linguagem e a sensibilidade das imagens. Assim o diálogo se enriquece, dando mais vida e boniteza a este relato.

Figura 4 – Plátano-raiz para a criação de desenhos para o batik



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Nas suas múltiplas dimensões, fazer o batik levou-me a observar as formas e o colorido das folhas de um plátano enquanto foco central. Seguiu-se, então, a criação do desenho e transposição para o pano⁷; executava-se a técnica/arte do batik por meio de um processo que é uma sequência de experimentação, observação, reflexão, retomada da ação criativa, uma aprendizagem que se repete dando forma aos detalhes e ao todo imaginado.

O Tema Gerador, portanto, é um ponto de partida que faz parte da cultura comum do grupo, assunto sobre o qual se conversa ou se discorre em um processo criativo: numa pintura, bordado, literatura, poesia, dança, na produção científica,

⁷ Essa transposição pode ser iniciada com o apoio de moldes, desde que esses não entrem a criação.

como também na arte do batik. Paulo Freire ensina que os temas geradores são lugares repletos de sentidos, de experiências nucleares para a existência que imantam sentidos cotidianos às vivências. Na visão de Passos (2010, p. 389), o tema gerador é “lugar epistemológico, pedagógico, político, cultural que sustenta o estudo, a reflexão pessoal e coletiva a partir da história de vida sofrida, emoldurando-a no contexto”.

Nesse sentido, trabalhar com Temas Geradores possibilita a formação de uma nova cultura pedagógica, uma vez que leva o sujeito a fazer uma releitura do mundo na sua constante busca por libertação, se engaja na construção de novas relações com o seu mundo. Isso dá margem à produção de conhecimentos em qualquer área, inclusive na arte do batik.

Os movimentos da cultura popular trouxeram para o campo da educação a cultura como conceito, ideia, valor e fundamentos de ações sociais, inclusive os pedagógicos (BRANDÃO, 2010).

Figura 5 – Imagens do plátano em destaque para o processo criativo na arte do batik



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

4 O processo de fazer o batik

Chegou o momento de as imagens fotográficas falarem mais do que as palavras, porque se trata de apresentar cenas do processo e deixar que impactem as subjetividades, talvez incentivando e despertando as curiosidades para as pessoas fazerem novas aprendizagens.

Ao observar algumas imagens do processo de execução do batik, verifica-se que acontecem aprendizagens dignas de destaque e que essas dependem de recomendações, de experimentação e do empenho dispensado à criação desejada:

- a) Na escolha do tecido deve-se dar preferência à cor branca ou outra cor em tonalidade clara, para possibilitar um maior número de banhos de tinta com efeitos sensíveis. É aconselhável usar fibras naturais, tais como a de algodão, e, quanto mais fino for o tecido, melhor para possibilitar desenhos detalhados e delicados.
- b) Os tecidos, para serem utilizados, devem passar por uma lavagem para a retirada da goma. A seguir, deve ser passado a ferro com temperatura adequada ao tipo de fibra. O pano a ser batikado deve ter uma sobra em cada lado, nos sentidos da urdidura e da trama, para ser possível colocá-lo no bastidor.
- c) Para a criação de motivos e a configuração desses, no pano, precisa-se de conhecimento da técnica, de paciência e de habilidade, o que vai sendo adquirido aos poucos. Para fazer os contornos dos desenhos existem, hoje, as alternativas como aguta.
- d) Desenha-se a parte central do “motivo ou tema” a ser trabalhado em um papel e transfere-se, a seguir, para o pano. Faz-se, depois, o desenho com uma combinação entre cera de abelha e parafina, “no ponto”, quanto à temperatura e composição, contornando o que foi projetado com o uso dos tjantings.
- e) Para se chegar à mistura, pode-se usar duas partes de parafina para uma parte de cera de abelha. Se desejada uma mistura quebrantável, possibilitando rachaduras abundantes e profundas sobre o desenho, aumenta-se a proporção de cera. O craquelamento é realizado quando se faz pressão, levemente, com as mãos, quebrando a cera antes de fazer o tingimento final. Ao tirar a cera descobrem-se tramas de linhas finas sobre o conjunto da obra.
- f) A mistura deve sempre ficar no fogareiro, em banho-maria, a uma temperatura entre 40 e 60 graus, variação que depende, também, do tecido a ser trabalhado. Pode ser usado um termômetro ou, em caso de quem opera ter acumulado “prática”, a observação do aspecto e consistência da mistura será suficiente para se chegar à temperatura certa. Se muito fria, a mistura não atravessa o tecido, ficando superficial a impressão. Se muito quente e, dependendo do tecido, pode até destruí-lo. O algodão é uma fibra resistente a altas temperaturas e pode ser apresentado compondo tecidos mais delicados ou mais rústicos.
- g) Para traçar linhas finas, delicadas e sem rachaduras sobre os tecidos, no último tingimento recomenda-se só o uso de cera de abelha ou a proporção de dois terços de cera de abelha e apenas um terço de parafina. Aos poucos se

reconhece visualmente a temperatura ideal para uso da combinação cera e parafina sobre cada tipo de tecido. Este reconhecimento depende muito da capacidade e da vontade de experimentação de quem opera a técnica do batik.

h) Para que essas orientações sejam executadas necessita-se de um conjunto de ferramentas. Considera-se que as mais importantes são: os tjantings, os pincéis e as condições seguras para preparar a cera. Na finalização da execução do batik, para retirar do pano saturado a cera, coloca-se o pano entre folhas de jornal ou equivalentes e passa-se o ferro quente de passar roupa e, assim, vai-se retirando a cera utilizada para que, finalmente, apareça a obra de arte para nos surpreender e encantar. A seguir são apresentados alguns equipamentos fundamentais da realização da arte do batik.

Figura 6 – Tjantings de diferentes formatos



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Figura 7 – Panela para banho-maria da cera

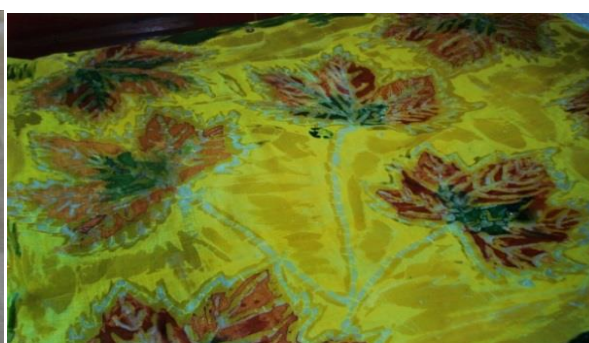


Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Figura 8 – Bastidor para estender o pano Figura 9 – Detalhe do galho do plátano



Fonte: Dinarte Belato, 2011.



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

i) Quanto às etapas de realização do processo do batik, ressalte-se que as orientações supra descritas devem ser associadas à sequência de fotografias abaixo:

Figura 10 – Desenho em papel



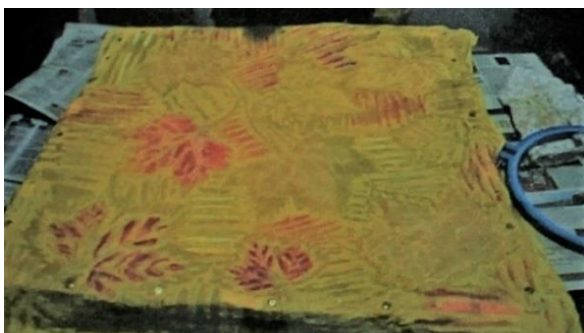
Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Figura 11 – Desenho no pano após o primeiro tingimento



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Figura 12 – Pinturas em detalhes



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Figura 13 – Tingimento da peça



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Figura 14 – Craquelamento para o tingimento



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Figura 15 – Cera saturada com todas as camadas



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

Figuras 16 e 17 – Arte Final do galho de plátano: o primeiro com a finalização em marrom e o segundo em verde⁸



Fonte: Dinarte Belato, 2011.

5 Paulo Freire, a Arte, a Cultura e a Educação Interdisciplinar

Desde o início do ano de 2020, nós, que com palavras e imagens escrevemos este texto, fazemos parte do Café com Paulo Freire Garopaba, relendo e debatendo o legado do educador brasileiro. O Café, que se reúne semanalmente, é dotado de uma diversidade muito grande de participantes, o que contribui para o estabelecimento de um diálogo profundo, amoroso e esperançoso em nossos encontros, todos realizados *on-line*. Temos, no Café, um grupo que vem se organizando para pensar os processos criativos que fazem parte dos seus saberes e fazeres no vasto e diversificado campo das artes, o que, em alguns casos, está associado à própria profissão que exercem. Portanto, quisemos transbordar a boniteza do Café para a nossa escrita, para a nossa experiência.

Reconhecemos que este grupo tem sido desafiado a expor os seus processos criativos e os produtos de sua arte no espaço do Café, mediante a apresentação de suas obras e de um relato, a elas associado, teorizado à luz do pensamento de Paulo Freire: categorias cunhadas pelo autor e a sua pedagogia de exposição e formação.

Para desafiar a organização de nossos relatos e apresentações, foi criado um roteiro com questões orientadoras que tem favorecido, inclusive, a integração dos saberes e fazeres de nossos artistas nas diversas áreas em convivência, como teatro, dança, música, pintura com diversas técnicas, escultura em cerâmica e outros materiais, modelagem e bordados com grande variedade de pontos e cores. Os

⁸Obras de arte de batik. Museu Antropológico Diretor Pestana da Unijuí, 2011.

temas que transversalizam nossas produções artísticas retratam contextos sociais e políticos e/ou penetram a generalidade das áreas da psicologia e filosofia. Enquanto trabalhamos e dialogamos, portanto, nos formamos.

É um roteiro flexível, mas que nos leva a mergulhar na reflexão sobre nossas criações para aprender com elas a partir de relações estabelecidas com as demais linguagens do saber artístico. Abre-se, então, uma possibilidade para um diálogo entre as diversas artes citadas e outras, como a poesia, a fotografia e o cinema, que necessitam ser desafiadas a serem integradas no processo.

Ao considerar que a temática deste batik, em apresentação, foi teorizada em todo o processo de criação e em sua exposição, entendemos que ela abriu oportunidade para a reflexão pedagógica fundamentada em categorias freirianas explicitadas no desenvolvimento desta narrativa.

Maria Falkembach⁹ propõe ao grupo que, ao pensar os processos criativos, se procure refletir sobre a percepção que tem de si ao fazer a obra. A percepção que eu tenho de mim, ao trabalhar o batik, é de inquietação na busca da criação, de integração e participação no grupo e com o grupo que comigo partilhar esta arte. Sinto-me criando algo novo na medida em que, nas oficinas realizadas, observamos, pensamos, recriamos e desenvolvemos um novo processo. À proporção que as pessoas fazem novas perguntas, vamos nos animando e fazendo novos experimentos e reflexões sobre a materialidade que nos instiga, o jeito de fazer, os movimentos e as relações necessárias para obter novos produtos, conhecimentos e procedimentos. No presente caso, a fotografia entrou, pela primeira vez, como uma ferramenta pedagógica fundamental na fase da pesquisa, da execução artística e da socialização do batik.

6 Considerações Finais

Este trabalho teve dois objetivos distintos e complementares: um, foi socializar e divulgar a técnica do batik como uma possibilidade de arte e uso pedagógico, desde que situada num dado contexto; o outro, demonstrar como uma determinada proposta pode ser pensada e executada em todo o seu processo, tendo

⁹ Doutora em Educação. Artista do corpo. Professora do curso de Dança da Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel).

como fundamentos categorias e conceitos de Paulo Freire, o que pode ser observado no decorrer do texto.

E, hoje, digo mais ao entender melhor o sentido das perguntas que Falkembach vinha nos fazendo para sistematizar as práticas criativas e pela releitura que fiz do texto “Deixar chegar, formar e formar-se em processos de criação” (FALKEMBACH, 2021). Formamos-nos, portanto, em diversos momentos. Ao pensar as oficinas, ao olhar e fotografar os plátanos, ao realizar as oficinas, ao participar dos Cafés, e agora por meio do diálogo que resultou nesta escrita. Por meio dele, sistematizamos, descrevemos e teorizamos esta experiência, este saber que agora é, também, compartilhado. Que ele possa formar ou, quiçá, aguçar a curiosidade das pessoas que nos leem.

Falkembach (2021) ainda destacava: não há separação entre criação e formação. A ideia é que nos formamos enquanto criamos. Por outro lado, havia uma pergunta que me inquietava e ainda persistia: como trabalhar a técnica do batik nas dimensões dos demais processos criativos para ser considerada arte. Eu vinha me considerando artesã desde quando customizo minhas roupas com os detalhes em batik. Há algum tempo, no entanto, julgava que as últimas peças de batik que tenho realizado pode ser considerada arte, por seu conjunto de harmonia e beleza. Continuava pensando, porém, que havia uma lacuna teórica para a qual eu estava procurando respostas, porque não havia estudado teorias deste campo das artes.

Falkembach (2021), com seus desafios, trouxe-nos uma contribuição da técnica Viewpoints (BOGART; LANDAU, 2017) de improvisação e composição em dança e teatro, que tem dois princípios fundamentais: a “reação ao estímulo externo” e à “escuta extraordinária”. Esses dois princípios têm duas operações que produzem o deixar chegar. Deixar chegar relaciona-se com o dar importância ao que chega - ser menos propositivo racionalmente e deixar-se levar. Daí, vou esperando e, assim, me ponho a pensar: se há uma técnica de criação em artes cênicas não se poderá fazer uma adequação dos seus fundamentos para o Batik?

Na continuidade do texto de Falkembach (2021) vimos, também, o conceito de formatividade de Luigi Pareyson (1993). Pareyson propõe a ideia de arte como um tipo de forma e o processo de fazer a arte ele chama de formar, posto que formar é “fazer-inventando”: fazer, levando em conta, ao mesmo tempo, o modo de fazer (FALKEMBACH, 2021). Falkembach propõe que podemos entender o

processo de formação de uma pessoa ainda a partir do conceito de Pareyson. Como se tratava da minha autoformação, busquei novas orientações e alternativas.

Neste momento de continuar pensando as conclusões do trabalho, no embalo de novas concepções advindas das artes cênicas, vou me surpreendendo pelas mudanças realizadas na forma de conceber minhas peças de batik.

Não conseguia entender que eu estava concebendo um objeto de arte, que se manifestava na forma de criar o batik. A partir daí fui me interessando e buscando conhecer por intermédio da tradição oral, das mensagens escritas nos rótulos das tintas e do receituário para prepará-las e por meio de propagandas comerciais. Minhas escutas foram aumentando e afirmo que se tornaram extraordinárias para nossas aprendizagens ao terem sentido para os nossos processos de criação. Daí a expressão: “Deixar chegar”, que, na *live* dos Processos Criativos, em uma reunião do nosso Café, ficou tilintando na minha cabeça, no meu imaginário, podendo ser interpretada em vários sentidos.

A ideia de arte vai tendo seu conceito ampliado e mais bem sistematizado neste momento do produzido, dependendo do campo de atuação do artista. Então, podemos, assim, entender e afirmar: a arte pode ser apresentada numa obra a partir de uma ou mais técnicas e, no meu caso, é o batik, produzido em pano de algodão, objetivado em confecções, panôs e quadros, a partir das configurações dos plátanos, tema gerador do nosso trabalho, na oficina. Por sua vez, quando o trabalho é realizado em grupo ou em duplas, as relações, então estabelecidas, vão qualificar formas de criar e viver, tornando-as mais alegres e solidárias.

Assim, reforça-se a ideia de que cada peça de arte, independentemente de seu tipo, apresenta-se por meio de uma determinada forma construída no processo. No caso do batik, o processo ocorre da escolha do tema ao resultado final. Vai a cada etapa da técnica, do desenho ao uso repetido da cera, definindo o jeito de ser feito. Neste caminho ocorre, simultaneamente ao fazer, um processo de formação.

Destaque-se que no item 4 deste texto, que trata do processo de fazer o batik e de como damos forma aos panos, encontramos detalhes que são muitos e estão igualmente descritos. A sequência das etapas até chegar ao produto final e à análise do processo criativo é um processo de formação na ação e de descoberta de novas formas de criar.

Falkembach (2021) nos faz mais uma pergunta: O que é preciso fazer para poder inventar um novo jeito de formar? Ela mesma responde: partir daquilo que

conheço, sair das operações que eu já aprendi a fazer e buscar outras descobertas em termos de materialidade e processos. Assim, desde a primeira oficina, íamos preparando mulheres para atuar em atividades produtivas independentes.

Retomando o eixo temático definido para fazer este relato/reflexão sobre Paulo Freire, a arte, a cultura e a educação interdisciplinar, podemos afirmar que essas dimensões do eixo temático foram atendidas tanto na prática das oficinas, nos resultados obtidos, na revisão dos fundamentos e conceitos usados para compreender o seu significado, bem como nas fotografias. O diálogo com as fotografias possibilitou um melhor uso das imagens, mostrando e melhorando suas formas, seus detalhes, para sensibilizar os participantes e os observadores por suas cores, seus brilhos, suas sombras e outros detalhes. Agora, por meio destas múltiplas linguagens, procuramos com este trabalho sensibilizar você, leitor/a. Por meio dele, demonstramos a necessidade de um olhar, de uma análise ou de uma proposta que seja pensada e avaliada com um olhar interdisciplinar.

Embora exista essa necessidade/desejo de uma análise mais abrangente sobre a criação artística, ela não acontecerá de um dia para outro. Precisamos de vivências pedagógicas que possibilitem essas aprendizagens, o que exigirá um processo pedagógico que seja capaz de levar os sujeitos envolvidos a ampliar sua escuta e criar uma consciência crítica, capaz de chegar a esse novo olhar e a essa nova pedagogia.

Dito isso, o texto ressalta que o tema que deu base à construção da oficina ora relatada foi se construindo num processo participativo com diálogos e aprendizagens significativas fundadas na relação entre diferentes linguagens, resultando na busca do “Ser Mais”, que pressupõe autonomia.

Nesse sentido, o Tema Gerador, que sustenta uma reflexão pessoal e coletiva, se deu a partir de um contexto que apresenta múltiplas dimensões: sociais, políticas e econômicas repletas de significados e subjetividades.

Assim chegamos à beleza do plátano da Unijuí, identificado como “plátano-raiz”, por sua estrutura altivez e colorido, bem como por sua situação no espaço do caminho dos plátanos e junto ao lago represado, que encanta os visitantes e mesmo o pessoal da universidade.

Assim, reconhecendo a singularidade do sujeito, este relato se aproxima do final. Mas, antes disso, singularmente, quero deixar escrito que certo dia, estando muito perto do plátano raiz, o admirando, senti que nos permitia tirar um galho seu

pela atenção que de nós recebia ao andar por suas veredas, o que se tornara um valor, um ato cultural para muitos que saíam de suas casas nos domingos e feriados.

Este foi um dos motivos que me levou a programar um processo criativo por meio da oficina de batik. O mesmo foi realizado como um gesto de gratidão pela inspiração que um galho do plátano, contendo três lindas folhas irmanadas, me proporcionou. Enfim, um singelo e forte galhinho me brindou com suas formas, ao mesmo tempo em que desafiou a minha criatividade para fazer uma leitura a partir dos fundamentos freirianos. Isto deu unidade à sequência de momentos e fundamentos teóricos que, conjuntamente com os registros e a linguagem fotográfica, se entrelaçaram, dando vida a esta narrativa.

Orientei-me, também, por dimensões históricas e de contexto, dando à dimensão pedagógica muito mais realismo para as aprendizagens individuais e coletivas. Diante disso, conclui-se que pela arte, o batik possibilitou criar uma visão crítica de nossa vida, que nos desafia a viver de forma mais integral, justa e alegre. Por isso, desejo continuar me desafiando a divulgar, socializar e criar condições de aprendizagem para que as pessoas assumam o processo do criar artístico, perpassado por uma reflexão político-pedagógica como propõe Paulo Freire. Assim, de forma crítica e criativa, a ação de pesquisadores e artistas pode contribuir com a luta pela autodeterminação das mulheres e dos homens, bem como com a luta pela emancipação da humanidade.

Referências:

BELATO, Dinarte. **Fotos do acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP)**. Ijuí, Unijuí. Câmera fotográfica: Nikon B-60, 2011.

BELATO, Neyta Oliveira. **Processos criativos na minha experiência com foco no Batik numa leitura com Paulo Freire e Maria Falkembach**. Live sobre os processos criativos na leitura de Neyta Oliveira Belato. Café Paulo Freire de Garopaba. Criciúma, 31 de março, 2021.

BELATO, Neyta Oliveira; LORENZONI, Irene. **Registro simplificado do processo da técnica tradicional de fazer o batik**. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana; Unijuí, 2011(Mimeo.).

BOGART, Anne; LANDAU, Tina. **O livro dos Viewpoints: um guia prático para Viewpoints e composição**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FALKEMBACH, Maria. **Deixar chegar e formar-se em processo de criação**. Contexto dos encontros do Café com Paulo Freire. Garopaba, 2021 (Mimeo.).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LEMOS, Celina. **A técnica para tingir tecidos com formas e figuras**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1978.

LORENZONI, Irene. **Experiências pessoais com a técnica do Batik**. Ijuí, 2011. (Mimeo.).

MARTIN, Berryl. **Le batik**. Pemières notions. Paris: Pollina, 1977.

MARTINS, Elimar. **Revista Stampa**, Ijuí, a. 8, n. 11, abr. 2011. (Fotos).

PAREYSON, Luigi. **Estética**: teoria da formatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

PASSOS, Luiz Augusto. Tema Gerador. *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 447.